



número 21 (primer semestre 2010)
number 21 (first semester 2010)

Revista THEOMAI / THEOMAI Journal

Estudios sobre Sociedad y Desarrollo / Society and Development Studies

Issn: 1515-6443

Racismo discursivo e a mulher negra: análise a partir dos personagens presentes na publicidade e nos cadernos de saúde de jornais impressos

*Wellington Oliveira dos Santos¹ / Universidade Federal do Paraná
Paulo Vinicius Baptista da Silva² / Universidade Federal do Paraná*

Nesse artigo analisamos formas discursivas presentes no discurso midiático brasileiro, em *corpus* constituídos pela publicidade de jornais impressos paranaenses e os cadernos de saúde presentes nos mesmos jornais. A proposição é discutir algumas formas específicas de hierarquização entre brancos (as) e negros (as) que circulam em variados discursos midiáticos brasileiros, destacando o espaço ocupado pelas mulheres negras.

As desigualdades raciais no Brasil são importantes a ponto de serem consideradas como “estruturais e estruturantes” da sociedade brasileira (Gomes, 2007). Em nossos estudos voltamos o foco para as desigualdades raciais no plano discursivo, considerando que: a) os discursos são produtores e reprodutores de desigualdades em diferentes eixos (Thompson, 1995), em específico de raça e de gênero (foco desse estudo, mas sem desconsiderar a importância de outros eixos de desigualdade, em especial de idade e de classe social); b) as desigualdades relativas aos bens simbólicos se relacionam de forma complexa e assíncrona com as desigualdades relativas aos bens

¹ Acadêmico de Psicologia na UFPR, bolsista de Iniciação Científica do CNPQ no NEAB-UFPR.

² Doutor em Psicologia Social pela PUC/SP, membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (NEAB-UFPR) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPR), e-mail paulovbsilva@uol.com.br.



materiais; c) na “sociedade moderna” os discursos midiáticos ocupam especial espaço de estruturação das relações de dominação (Thompson, 1995). A partir dessa perspectiva crítica sobre as desigualdades raciais no Brasil e sobre o papel da mídia realizamos pesquisas sobre personagens negras (os) e brancas (os)³ em jornais diários de grande circulação de Curitiba, estado do Paraná (Brasil), a partir de organização de banco de dados sobre personagens negros e brancos nos jornais *Gazeta do Povo*, *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*. Esse artigo sintetiza algumas observações de análise de duas amostras dos jornais, uma de publicidade e outra de cadernos de saúde.

De acordo com Silva e Rosemberg (2008), diversos estudos vêm destacando estarem os negros ausentes ou sub-representados em discursos da mídia do Brasil. Os autores realizaram um estudo de revisão de literatura sobre o discurso racial na mídia brasileira (analisando pesquisas nos campos da literatura e cinema, imprensa, televisão, literatura infanto-juvenil e livro didático) e sistematizaram os resultados encontrados na pesquisa em quatro pontos (Silva & Rosemberg, 2008): a) a evidente sub-representação do negro nas diversas mídias; b) o constante silenciamento das mídias sobre as desigualdades raciais, que segundo os autores exerce um duplo papel: negar os processos de discriminação racial, buscando ocultar a racialização das relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe uma homogeneidade cultural ao brasileiro; c) o branco é tratado como representante natural da espécie humana (branquidade normativa); d) a estereotipia na representação do homem e da mulher negra, adulto ou criança é recorrentemente assinalada nas diversas mídias. Alguns pontos do discurso racista brasileiro são observados em países diversos da América Latina (ver Van Dijk, 2008).

A publicidade, como parte da mídia, segue a regra de manter o negro ausente ou sub-representado (ver, p. ex., Martins, 2000; Beleli, 2005; Correa, 2006; Silva, Santos e Rocha, 2008). O mesmo acontece nos cadernos voltados para a saúde (Santos, 2008). A partir desse ponto, destacaremos alguns exemplos da situação da mulher negra na publicidade e nos cadernos de saúde.

Apresentamos como primeiro exemplo a análise que realizamos sobre personagens negras e brancas na publicidade publicada em jornais paranaenses *Gazeta do Povo*, *Tribuna do Paraná* e *O Estado do Paraná*, entre 24 de dezembro de 2005 e 24 de fevereiro de 2006 (Silva, Santos e Rocha, 2008). Num total de 1759 personagens humanas contadas para cada personagem negra foram observadas 12,75 personagens brancas, ao passo que para cada personagem negra feminina foram observadas 18,43 personagens brancas femininas, ou seja, a sub-representação foi de alta magnitude e ainda mais acentuada para as mulheres negras. A tendência geral para as personagens negras foi à representação em peças publicitárias do governo ou de estatais, como forma de compor quadro de diversidade racial. No caso da mulher negra, em uma única peça publicitária figurou uma personagem negra isoladamente, a publicidade de uma loja de eletrodomésticos, com o estereótipo de *mulata boa* (figura 1). Fez-se menção à festa popular do carnaval e, na peça publicitária, a exploração do corpo feminino ganhou destaque. A exploração do corpo negro como forma de sensualidade exacerbada foi resultado também observado por Beleli (2005), em peças publicitárias vencedoras dos *Festivais de Criação* de São Paulo, entre 1975 e 2003, e por Corrêa (2006), em anúncios de telefone celular.

³ A partir desse ponto passaremos a utilizar o genérico masculino.



Figura 1. Exemplo de personagem feminina negra ocupando individualmente o contexto da peça publicitária.
Fonte: Gazeta do Povo, p.23, 05 fev. 2006.

A desigualdade no que se refere às relações familiares encontradas na amostra publicitária pode ser expressa pela taxa de branquidade nesse atributo de 33,33, ou seja, para cada personagem negra com alguma forma de relação familiar foram observados 33,33 personagens brancas com relação familiar, taxa que foi quase o triplo em relação à geral do estudo, de 12,75. Além disso, observamos que as raras personagens negras com relação familiar não tinham qualquer alusão a papel de casal, pai, mãe, filho ou irmão. Ou seja, observamos uma desvalorização dos traços da família negra e uma hiper-valorização dos traços da família branca, que Araujo (2006) denomina *estética ariana*. Mesmo os casais inter-raciais que freqüentam amiúde as telenovelas do horário nobre, não tiveram nenhuma ocorrência em nossa amostra. Observamos somente seis personagens negras com alusão à família, sempre relativo à família superior ampla (tios, avós, etc.). O exemplo a seguir é de uma alusão familiar a avó negra. Trata-se da publicidade de um filme norte-americano chamado Vovó Zona 2 em que a personagem principal, um policial negro, usa um disfarce de avó para solucionar crimes.



Figura 2. Exemplo de personagem negro em relação familiar.
Fonte: O Estado do Paraná, p. 8, 29 jan. 2006.



As referências ao papel de avó no título e na imagem fizeram com que contássemos como uma personagem desempenhando papel familiar. No entanto, trata-se de uma pseudo-relação, visto que é um único personagem que se travesti para fazer o papel de uma senhora, e a referência ao papel familiar se dá mais pelos atributos de idade e estética da personagem travestida que pelo desempenho de uma relação familiar verdadeira. Caso desconsiderássemos tal personagem como desempenhando relação familiar, em suas duas ocorrências, teríamos uma taxa de branquidade de 50,0 para personagens com relações familiares. Na publicidade publicada no jornal *O Estado do Paraná* esta foi a única relação familiar observada entre as personagens negras. Interpretamos que esta ocorrência é uma boa metáfora para a construção de personagens negras em nossa amostra e no discurso midiático brasileiro: as relações não existem, são pseudo-relações e a entrada de produção externa, norte-americana (onde a população negra quando muito corresponde a 15% do total), acaba por responder a parcela significativa ao que se observa de diversidade no discurso da grande mídia brasileira (onde somos 50% de negros na população).

O discurso brasileiro construiu, no plano simbólico, um espaço de subalternidade quase total para a mulher negra, na qual as personagens tipo são a empregada doméstica (ou a escrava nas narrativas de época) e a prostituta (com suas variações de mulheres voluptuosas e hiper-sensuais). Para Evaristo (2006) a análise das personagens negras na literatura aponta o apagamento de determinados aspectos, ocultando sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira e do papel da mulher negra na formação da cultura nacional e, por outro lado, mobiliando sentidos de “perigosas” e “infecundas”. Este apagamento das relações familiares e particularmente do papel de mãe, em diversos meios discursivos, contrasta com os papéis assumidos pela mulher negra na sociedade brasileira. As estereotípias relacionam-se com a “proibição tácita” de apresentar a mulher negra em família (na literatura infanto-juvenil ver Oliveira, 2003; em telenovelas brasileiras ver Araújo, 2000; na literatura brasileira moderna ver Dalcastagné, 2005; em livros didáticos ver Silva, 2008).

Também realizamos pesquisa com as personagens negras (as) e brancos (as) presentes no caderno de saúde⁴ do jornal *O Estado do Paraná* dos meses de março a junho de 2007. O objetivo foi analisar o espaço ocupado pelo negro (a) nesse caderno, voltado para a saúde, destacando as representações de corpo saudável -corpo doente e profissional da saúde- paciente/cliente presentes. Em quatro meses de edição do caderno, totalizando 17 edições, foram encontrados 265 personagens; destes, 237 (89,4%) brancos, 9 negros (3,4%) e 19 (7,2%) personagens indeterminados fenotipicamente. A “taxa de branquidade” foi, portanto, de 26,33 personagens brancos para cada personagem negro. Notou-se baixa percentagem de participação de homens e principalmente mulheres negras no caderno. Em contextos específicos, o negro (a) apareceu ocupando espaço individual. Os personagens negros (as) apareceram em três faixas etárias (principalmente infância-adolescência). Poucas vezes o negro (a) apareceu ocupando o papel de profissional da saúde ou de paciente/cliente, assim como poucas vezes

⁴ O caderno, cujo título é *Mais Saúde*, é veiculado com o jornal às terças-feiras sendo, portanto, semanal. Segundo as informações contidas no próprio caderno, ele trata dos seguintes assuntos: medicina, prevenção, beleza, estética, nutrição, fitness e medicamentos.



corpos negros foram utilizados para representar saúde ou doença. Não houve alusão a familiares de personagens negros (as). Como exemplificado na figura 3 a seguir, todas as relações familiares encontradas na amostra foram constituídas por personagens brancos.



Figura 3. Exemplo de personagens brancos em relação familiar.
Fonte: O Estado do Paraná, Caderno Mais Saúde, 12 jun. 2007, p.8

A figura, um anúncio, destaca uma relação familiar que faz alusão a família ampla inferior (neto) e a família ampla superior (avô). A disposição dos personagens na cena, exibindo o corpo do tronco para cima, assim como suas vestes de tom escuro, torna os rostos claros de cada um evidentes. O avô está com os olhos quase fechados, com uma expressão neutra, encostado ao rosto do neto, que com um sorriso fita seus olhos azuis em algum ponto fora da cena. Os dizeres do anúncio “Viva o seu bem-estar, abrace a vida!” completam a representação de corpo saudável. Representações familiares como essa foram regra, não exceção, o que podemos considerar como uma hiper-valorização dos traços dos brancos (e, acrescentamos, uma hiper-valorização da família branca), em prejuízo dos traços de negros e indígenas, o que Araujo (2006) denomina *estética ariana*. Ao analisar as imagens das telenovelas brasileiras Araújo (2000) usou o termo *estética sueca* para descrever uma opção de hiper-valorização dos traços nórdicos, não somente da pele clara, mas também de cabelos e olhos os mais claros. Em comunicação posterior o autor (Araújo, 2006) sugeriu o uso do conceito de *estética ariana* para descrever o fenômeno que observava na mídia brasileira (em especial televisão e cinema) e na mídia latino-americana (apresentou exemplos de discursos midiáticos do México e da Colômbia). A opção pelo termo *ariana* representaria melhor o papel que tais discursos desempenham, de mobilizar sentidos do “racismo científico” (o racismo que se auto-denominou científico e foi muito atuante nos séculos XIX e XX), de difundir idéias de hierarquia racial que supervalorizam traços nórdicos ou “arianos” e, implicitamente, desvalorizam traços africanos e indígenas. Nos discursos racistas de países latino americanos observaram-se aspectos dessa *estética ariana* (Silva, 2008). Complementarmente, no caso específico das mulheres negras presentes no caderno de saúde, observamos que a participação delas foi menor que a dos homens negros, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Mulheres negras apareceram apenas na faixa etária adulta. Não apareceram em relações familiares, como os homens negros (também constatamos que em nenhum momento homens negros e mulheres negras



foram apresentados em um mesmo contexto). A única personagem negra apareceu individualmente.

Quanto aos resultados referentes aos papéis possíveis no contexto do caderno de saúde, temos o seguinte: dos 37 personagens do gênero masculino representando profissionais da saúde encontrados na amostra, 35 (94,5%) brancos, 2 (5,4%) negros. De 16 personagens do gênero feminino na mesma situação, 16 (100%) eram brancas.

Dos 11 personagens do gênero masculino representando paciente/cliente, 10 (90,9%) brancos, 1 (9,0%) negro. De 25 personagens do gênero feminino na mesma situação, 22 (88%) brancas e 3 (12%) de fenótipo indeterminado.

Dos 73 personagens do gênero masculino sem papel definido no contexto do caderno de saúde, 69 (94,5%) brancos, 3 (4,1%) negros. Também tivemos 1 personagem do gênero masculino de fenótipo indeterminado sem papel. De 62 personagens do gênero feminino na mesma situação, 58 (93,5%) brancas, 1 (1,61%) negro e 3 (4,83%) de fenótipo indeterminado. A taxa de branquidade no gênero masculino ficou assim: 17,5 na categoria profissional da saúde, 10 entre os personagens pacientes/clientes e 23 entre aqueles personagens sem papel definido. A taxa de branquidade no caso do gênero feminino somente pode ser calculada entre aqueles personagens sem papel: foi de 58 (ou seja, para cada personagem negra sem papel no contexto definido encontramos 58 personagens brancas na mesma situação). Ao contrário dos homens negros, as mulheres negras não apareceram nem mesmo como pacientes/clientes. A omissão da mulher negra dos papéis possíveis parece contribuir para a racialização da mesma em nossa sociedade, uma vez que sua imagem apenas é invocada em contextos específicos para a sua cor-etnia. Esses resultados são de grande desigualdade para homens negros em relação a homens brancos e de multiplicação da desigualdade de mulheres negras em relação a mulheres brancas. Mais que sub-representação, invisibilidade ou inexistência: a mulher negra esteve fora da trama no discurso dos cadernos de saúde. A discriminação mais acentuada da mulher negra no plano simbólico pode ser relacionada com as desigualdades, no plano estrutural, sistematicamente mais acentuadas enfrentadas pelas mulheres negras no contexto brasileiro.

Quando realizamos cruzamento de cor-etnia (brancos, negros e indeterminados), gênero (masculino e feminino) e representação corporal temos: dos 39 personagens do gênero masculino tomados como corpos saudáveis, 37 (94,87%) brancos, 1 (2,56%) negro e 1 (2,56%) indeterminado. Taxa de branquidade: 37; das 41 personagens do gênero feminino na mesma situação, 40 (97,56%) brancas, 0 (zero) negras e 1 (2,43%) indeterminada. Taxa de branquidade indeterminada. Dos 20 personagens masculinos tomados como corpos doentes, todos eram brancos (100%). Taxa de branquidade indeterminada. De 23 personagens femininos na mesma situação, 19 (82,60%) brancas e 4 (17,39%) indeterminadas. Taxa de branquidade indeterminada.

Dos 62 personagens masculinos tomados como sem alusão corporal explícita, 57 (91,93%) brancos, e 5 (8,0%) negros. Taxa de branquidade 11,4; de 39 personagens femininos na mesma situação, 37 (94,87%) brancas, 1 (2,5%) negra e 1 (2,5%) indeterminado. Taxa de branquidade 37. É bom deixar explícito que essa personagem negra foi a única encontrada na amostra. Trazemo-la na figura a seguir.



Figura 4. Exemplo de personagem negra do gênero feminino ocupando individualmente contexto.
Fonte: O Estado do Paraná, Caderno Mais Saúde, 24 abr. 2007, p. 2.

A mulher negra na imagem está inserida na capa de um livro que é tema do artigo do jornal. Em nenhum momento o texto dá voz a essa mulher, mas o título da capa do livro a nomeia: Janine. Por se tratar de uma imagem contida em outra imagem, consideramos essa uma referencia indireta a personagem negra (o artigo é sobre o livro do qual ela é a personagem de capa). A personagem não desempenha nenhuma ação que torne possível sua inclusão em um papel de paciente/cliente (o que é uma pena, considerando-se o título do livro: “O ponto G de Janine”) ou de profissional da saúde; tão pouco seu corpo evoca saúde ou doença.

Interpretamos esses resultados nas pesquisas com personagens presentes em peças publicitárias e com os personagens presentes nos cadernos de saúde como uma negação da existência das mulheres negras no campo midiático; uma impossibilidade de tomá-las como representantes da espécie humana nos papéis de profissionais de saúde e mesmo paciente-cliente saudável ou doente. Os resultados apontam que a tendência é a atribuição ao homem branco adulto o status de representante da espécie humana (manifestação da branquidade normativa, conforme Giroux, 1999; e como argumenta Corrêa, 2006); e uma impossibilidade de tomá-las como profissionais da saúde, pois a tendência seria atribuir ao branco (homem) o status superior. Guimarães (1999) propõe que o racismo brasileiro é um racismo de status, onde certos grupos sociais teriam privilégios em relação aos outros grupos e ao Estado garantidos principalmente por aspectos fenotípicos, numa hiper-valorização de seus traços. (relacionamos com o conceito de estética ariana, conforme Araujo, 2006), Fica implícito que somente ao branco é reservado o direito de exercer (ou no mínimo representar) certos papéis socialmente respeitados, como são as profissões de saúde.



Os resultados de nossas pesquisas podem ser relacionados aos indicadores sociais brasileiros, nos quais as mulheres negras estão sistematicamente em desvantagem. Nos indicadores relativos a renda e emprego as desigualdades são mais amplas das mulheres negras em relação a mulheres brancas e em relação a homens negros. Ao passo que na história do Brasil e na contemporaneidade a mulher negra ocupa papel de vital significado para a família brasileira, nos discursos midiáticos e literários a mulher negra ou não tem o direito de existir ou ocupa espaços de subalternidade. Apontamos que, nesse caso específico, os discursos ativamente produzem desigualdade de raça e gênero, não apresentando nem mesmo os traços de heterogeneidade, muito menos as rupturas bastante freqüentes nas hierarquias raciais. Os espaços tão restritos criam uma série de expectativas sociais e de pautas de conduta que reconhecemos, operando socialmente para manter as mulheres negras em situação de subalternidade.

Os resultados aqui analisados e seu cotejamento com os de pesquisas recentes permitem afirmar que a mídia participa da manutenção e produção do racismo (estrutural e simbólico) brasileiro, pois naturaliza a superioridade branca, discrimina os negros e, via de regra, atua para reforçar o mito da democracia racial (Silva, 2007). No caso das mulheres negras, nos discursos midiáticos as hierarquias de gênero combinam-se com as hierarquias raciais, sendo os discursos mais desfavoráveis às mulheres negras que aos homens negros. Necessário demarcar que as hierarquias de raça e gênero somam-se nesse caso específico (discursos de jornais e discursos midiáticos), mas que as hierarquias sociais nem sempre têm esse comportamento de diretamente proporcionais, apresentado quebras e assincronias entre diferentes eixos de desigualdade. A posição altamente desfavorável à mulher negra no discurso midiático pode ser relacionada, como tese provisória, aos indicadores sociais de concentração de pobreza para as mulheres negras (em especial para famílias chefiadas por mulheres negras. Ver resultados de Paixão e Carvano, 2008). A hipótese referente à mulher negra no contexto brasileiro, a ser analisada e esmiuçada por outros estudos, é de retroalimentação entre desigualdades no plano simbólico e desigualdades no plano estrutural.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, JOEL ZITO: **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo, Senac, 2000.
- ARAÚJO, JOEL ZITO: *Sobre arte e afro-brasileiros: a mídia e as representações de negros e brancos*. Trabalho apresentado no **IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Salvador, 2006.
- BELELI, IARA: **Marcas da diferença na propaganda brasileira**. Tese (doutorado em ciências sociais). Unicamp, 2005, 157p.
- CORRÊA, LAURA GUIMARÃES: *Corpo exposto: a representação do negro em dois anúncios de telefonia celular*. **UNIrevista** - Vol. 1, n° 3, julho 2006, p. 1-11.
- DALCASTAGNÊ, REGINA: *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. N.º 26, Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.
- EVARISTO, CONCEIÇÃO: *Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face*. Trabalho apresentado no **IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Salvador, 2006.



- GIROUX, HENRY, A: *Por uma pedagogia e política da branquidade*. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 107, p. 97-132, julho, 1999.
- GOMES, NILMA L: *Diversidade étnico-racial na educação no contexto brasileiro* In: GOMES, Nilma L. (org.) **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007, p. 97-109.
- GUIMARÃES, ANTÔNIO S. A.: **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999. 248p.
- MARTINS, MARIA C. S.: **A personagem afro-descendente no espelho publicitário de imagem fixa**. Tese (doutorado em comunicação e semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000, 189p.
- OLIVEIRA, MARIA A. J.: **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado da Bahia, 2003.
- PAIXÃO, MARCELO; CARVANO, LUIZ M.: **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil 2007-2007**. Rio de Janeiro, Garamont, 2008. 213 p.
- SANTOS, WELLINGTON OLIVEIRA DOS: *Negros e Brancos no caderno de saúde do jornal O Estado do Paraná*. **Caderno de resumos V Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**, Goiânia, 2008, p. 213.
- SILVA, PAULO V. B.: *Notas sobre os escritos do projeto "Racismo e discurso na América Latina"*. Trabalho apresentado no VII Congresso Latinoamericano de Estudios del Discurso. Bogotá, Colombia, 2007.
- SILVA, PAULO V. B.: **Racismo em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.
- SILVA, PAULO V. B.; ROSEMBERG, FÚLVIA: *Brasil: lugares de negros e brancos na mídia* In: VAN DIJK, Teun (org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo, Contexto, 2008.
- SILVA, P. V. B., SANTOS, W. O. E ROCHA, N. G: *Personagens negros e brancos em peças publicitárias publicadas em jornais paranaenses*. **Cadernos NEPRE**. Cuiabá, N. 9, 2007, p. 7-24.
- THOMPSON, JOHN B.: **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAN DIJK, TEUN (org.): **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo, Contexto, 2008.